



## **Jornalismo Cultural: A Abordagem Dada a Reportagens Especializadas no Culto aos Orixás<sup>1</sup>**

Agnes Maria Araújo ANJOS<sup>2</sup>  
Natália Alberto de MELO<sup>3</sup>  
Cintia Cerqueira CUNHA<sup>4</sup>  
Universidade de Uberaba, Uberaba, MG

### **RESUMO**

É escasso o número de reportagens que abordem o tema religiões afro-brasileiras cultuadoras de orixás. Sob essa observação sente-se a necessidade de avaliar reportagens que abordem o tema, a fim de desmistificar e orientar comunicadores sociais a difundirem a cultura além dos tabus impostos socialmente. A análise se dá em leitura, compreensão, crítica, comparação e conclusões retiradas a partir das abordagens de três matérias que retratam o assunto. A primeira foi retirada da revista especializada no tema chamada *Orixás*. A segunda reportagem, da revista *Raça*, que tem como foco o público da etnia negra, e a terceira, retirada da revista *Super Interessante*.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo cultural; religiões afro-brasileiras; orixás; jornalismo especializado.

### **INTRODUÇÃO**

O culto aos orixás chegou ao Brasil no início do período escravocrata no século XIX. Com a proibição da manifestação religiosa imposta pelos europeus, os escravos, para que pudessem professar a sua fé, modificaram a realização de seus cultos, e acoplaram diferentes manifestações religiosas vindas da África com manifestações cristãs impostas no período.

Essa “adaptação” gerou conflitos entre diferentes etnias africanas presentes no Brasil, porém, não foi apenas uma maneira de profissão de fé, mais uma forma de resistência étnica à colonização europeia.

Sabe-se que hoje o racismo, a discriminação e o preconceito são heranças do período escravocrata. Com isso, o comunicador social, enquanto formador de opinião, deve priorizar a isenção de tais sentimentos e opiniões nas reportagens que produzir.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º período do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade de Uberaba, email: amaanjoss@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º período do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade de Uberaba, email: natymelo7@gmail.com

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora mestre do Curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, email: cintia.cunha@uniube.br.



No ano de 2003, o presidente Lula sancionou a lei que torna obrigatório o ensino da cultura africana em sala de aula. A partir disso, o Jornalismo torna-se ferramenta importante de Educomunicação na divulgação dessa história.

Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que “altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências” (FERNANDES, 2005, p. 383).

Visamos aqui à colaboração para que o comunicador social possa ser instrumento dessa lei e mais: ser multiplicador de abordagens compostas por informações isenta de discriminação ou preconceito.

## **OBJETIVOS**

Analisar três reportagens sobre o Culto aos Orixás, voltadas para diferentes públicos, avaliando a abordagem do tema tratado, segundo os critérios de uma reportagem impressa de qualidade. Coimbra (2004, p. 11) afirma que “Diante de um determinado texto, portanto, é preciso captar certo número de constantes. Essas constantes é que permitirão classificar um texto como pertencente a um gênero ou outro”.

É importante deixar claro que um dos objetivos avaliados é o tipo de tratamento dado à informação, a clareza e a objetividade do texto. O estudo visa a orientar e auxiliar a minimizar os efeitos causados pela intolerância religiosa difundida no Brasil desde o século XIX.

## **JUSTIFICATIVA**

Observamos, enquanto jornalistas, uma lacuna nas reportagens especializadas relativas a religiões afro-brasileiras cultuadoras de orixás. Os textos lidos estão em uma dicotomia problemática, ou são específicos até com uma linguagem típica de cultuadores, ou são superficiais, o que alimenta interpretações errôneas que podem ser acopladas a atitudes preconceituosas.

É necessário conhecer para se abordar um tema que não abrange apenas a escolha ou não de uma religião. Mesmo o nosso estado sendo laico segundo a Constituição Federal CF de 1988, art. 3º, incisos I e VI; art. 4º, inciso II; art. 5º, incisos VI e VIII; art. 19, inciso I. Mesmo tendo como direito garantido a liberdade religiosa, encontramos diversas maneiras de



preconceito e desrespeito e cabe também ao jornalista transmitir com seriedade e idoneidade informações que não alimentem a recepção de informações de caráter preconceituoso.

## **METODOLOGIA**

Com base em pesquisa realizada através de leitura e inteiração com o assunto, realizada de forma intensa, escolhemos três reportagens que abordam o tema Culto aos Orixás. As reportagens possuem linhas editoriais diferentes. A primeira, chamada “A origem do Nome Candomblé”, foi publicada na revista *Orixás* e assinada pela equipe editorial da mesma. A revista tem como foco ensinar e informar os cultuadores de manifestações afro-brasileiras. Ela é distribuída em todo o país e vendida inclusive dentro de terreiros de diversas variações do culto.

A segunda reportagem escolhida foi retirada da revista *Raça*, publicação especializada em assuntos referentes à etnia negra. A revista tem como foco a valorização e informação étnicas e a reportagem intitulada “ÈSÁ, somos todos ancestrais”, que aborda como os cultuadores descendentes da tribo Yorubá encaram a morte, é assinada pelo jornalista Paulo Conte.

Já a terceira escolha foi claramente a quebra de paradigmas para a metodologia utilizada na elaboração da pesquisa. A reportagem publicada na revista *Super Interessante* também possui distribuição em todo o país, porém, é a única que possui um público mais abrangente, sem distinção por etnia ou linguagem, pois é voltada para o público jovem.

As três reportagens foram comparadas e seus diferenciais caracterizam bem a distinção feita pelas editorias para o público leitor.

## **ANÁLISE**

A revista “Orixás” aborda apenas temas relativos ao Candomblé e à Umbanda e tem como objetivo esclarecer, para o público cultuador de orixás, as principais informações de relevância sobre o assunto.

Exemplo disso são as reportagens compostas por melhores feitiços, entrevistas com história de vida dos maiores babalorixás do Brasil e as propagandas voltadas apenas para casas de artigos religiosos e vestimentas utilizadas nos rituais.

A reportagem escolhida, chamada “A origem do nome Candomblé”, aborda o tema Candomblé, explica como surgiu e quais os segmentos da religião, é subdividida em uma instrução e os três seguintes títulos: “Nações”, “Sangô do nordeste” e “Nàgó-vodun”.



Além de explicar detalhes com termos específicos do culto, a reportagem deixa claro que foi escrita para entendedores prévios do assunto. Exemplo disso é a maneira de trazer a linguagem yorubana para o texto em que o S tem som de X. Sangô é lido como Xangô.

A reportagem vai além e explica que o candomblé é uma manifestação religiosa única e exclusivamente brasileira.

Esse culto da forma como é praticado e chamado de Candomblé, não existe na África. O que existe lá é chamado de culto à òrisá, ou seja, cada região africana cultua um òrisá e só inicia elegun ou pessoa daquele òrisá. Portanto a palavra candomblé foi uma forma de denominar as reuniões feitas pelos escravos, para cultuar seus Deuses, porque também era comum chamar de candomblé toda a festa ou reunião de negros no Brasil (REVISTA ORIXÁS, 2007, p. 14).

“Nações de candomblé” é outro termo utilizado dentro dos cultos, e conhecido para quem é praticante da religião. No texto, há uma breve introdução sobre em que parte da África surgiram tais nações e como elas se reuniram no Brasil.

Chagamos à análise de que a primeira reportagem possui uma linguagem específica e busca apenas esclarecer pontos importantes para que cultuadores de orixás possam entender melhor o tema e ser multiplicadores do assunto.

Já a segunda reportagem escolhida traz características muito parecidas com a reportagem retirada da revista especializada. Denominada “ÈSÁ somos todos ancestrais”, a reportagem aborda a forma de existência vista pelos yorubás, ou seja, uma tribo também cultuadora de orixás que predomina nos cultos no Brasil.

A reportagem é constituída por um *lead* citação de Mãe Benta de Yemanjá, uma das fontes utilizadas na matéria. Foi escrita por Paulo Conte e utiliza imagens de terreiros e de orixás para ilustrar o assunto.

Outro detalhe da abrangência da reportagem é que, apesar de abordar temas muito específicos de cultuadores de orixás, ela abre box para que o leitor que desconheça o assunto possa se inteirar e compreender a matéria. Talvez não por completo, mas com um interesse maior, o box da reportagem explica o que é Candomblé de Égun – exemplo de ritual que cultua a ancestralidade - ou seja, os mortos da mesma linhagem familiar.

Há também explicação para o termo Ésá, muito utilizado na reportagem, que são espíritos de pessoas que pertenceram à genealogia de determinada casa de orixás. Esses espíritos são cultuados no ritual para Égúngún. E outro box para explicar o conceito dado a orixás que, segundo o professor Pierre Verger, em seu livro “*Orixá: deuses yorubás na África*



e no *Novo Mundo*”, orixá é ancestral divinizado, é um bem da família transmitido pela linhagem paterna.

Fora a reportagem principal, os boxes e as ilustrações há o cuidado de colocar informações adicionais que complementam o entendimento da matéria.

Publicada na revista *Raça*, cujo público leitor é segmentado, já que a revista surgiu com ideal de autoafirmação da etnia negra, a intenção da reportagem sobre o culto aos orixás já não é mais informar um público conhecedor e sim transmitir valores e a autoafirmação da cultura afro-brasileira. A compreensão, nesse caso, pode não ser completa, porém, a tentativa de desmistificação de uma cultura que causa medo, inclusive entre os descendentes africanos, é clara.

A terceira e última reportagem analisada é da revista *Super Interessante*, escrita pela jornalista Silvia Campolim, e aborda o tema Candomblé. A reportagem é aberta com um lead que explica como é a emoção do Candomblé e subdividida em histórias vivenciadas pela jornalista. Ela conta como é a chegada dos orixás aos corpos dos filhos que aguardam para recebê-los, fala sobre a iniciação dos devotos, as fases de dificuldade enfrentadas por eles, e abre um box em que explica o calendário litúrgico associado ao da igreja católica, ou seja, o chamado sincretismo religioso. E finaliza o assunto com uma breve explicação sobre os doze orixás cultuados no Brasil.

A análise realizada referente a essa reportagem é que, apesar de grande e atrativa para o leitor, ela não explica alguns pontos abordados no texto. Segundo o texto, o tocador de atabaque é chamado Alabê, enquanto na verdade essa é apenas uma das três subdivisões existentes na categoria dos tocadores dos cultos religiosos chamados de ogãs. Outro equívoco é dizer que apenas 12 orixás são cultuados no Brasil, sendo que há 16 orixás que algumas nações do candomblé cultuam e outras não.

Outro ponto é a vivência dos estudiosos sobre a questão do orixá Exu. Este é o orixá que abre os caminhos, segundo o mito dos cultuadores. Para eles, é necessário o culto a esse orixá para que as oferendas cheguem ao mundo espiritual.

“Acredita-se que Exu é o mensageiro responsável pela comunicação entre o adivinho e Orunmilá, o deus do oráculo, que é quem dá a resposta, e pelo transporte das oferendas ao mundo dos orixás” (PRANDI, 2001, p. 18).

Os adeptos do culto vivenciam uma dificuldade para desmistificar o sincretismo religioso dado a esse orixá, que é associado ao demônio, para a população Brasileira, e a reportagem trata a oferenda a Exu com a palavra despacho – termo utilizado dentro do culto – porém o mau uso multiplica a ideia de expulsão do orixá antes do início dos cultos. Ocorre o



contrário: para iniciar o culto a outros orixás, Exu é cultuado primeiro. A falta de explicações como essa é multiplicadora de preconceitos associados à religião.

As três reportagens realizam o papel do comunicador social de emitir informações para públicos diversificados, e a abordagem de cada uma delas deixa clara a intenção de atingir públicos segmentados, porém, é necessário o cuidado para tratar de assuntos que precisam ser multiplicados de forma correta por serem no Brasil associados a manifestações “pecaminosas”.

A intolerância religiosa não é um fenômeno recente. Pelo contrário, desde o início dos tempos, quando se fala em religião automaticamente fala-se em intolerância religiosa. Se por um lado, os praticantes de uma religião X são discriminados por praticá-la, por outro é comum, encontrar na história que esses mesmos perseguidos discriminaram aqueles que não professavam a sua fé (GUALBERTO, 2011, p. 11).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo deu foco aos orixás e não às religiões, já que como fonte as reportagens utilizaram praticantes do Candomblé, da Umbanda, e do Ifá. Essas religiões possuem as mesmas matrizes, porém, orações, segmentos e verdades diferentes. Essas variações se dão ao objetivo dos negros brasileiros em preservar no século XIX as matrizes de seus cultos em um país que tentou minimizar a sua história e importância.

As reportagens buscam objetivos e públicos diferentes, porém é importante ressaltar que a idoneidade e ética cabem em qualquer reportagem. Seja ela fria, ou quente, especializada ou não, o objetivo do comunicador é sempre o compromisso com a verdade, informação, justiça, democracia e aprimoramento das relações humanas e sociais, através da crítica e análise da sociedade, segundo o juramento realizado na conclusão do curso.

## REFERÊNCIAS

CAMPOLIM, Silva. **Candomblé no Brasil**: orixás, tradições, festas e costumes. Revista Super Interessante. São Paulo: Abril Editora, Ano VIII, número 88, jan 1995. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/religiao/candomble-brasil-orixas-tradicoes-festas-costumes-441075.shtml>>. Acesso em: 07 dez. 2011.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa** - um curso sobre sua estrutura. 3a. ed. São Paulo: Ática, 2004. 183 p.

CONTE, Paulo. **ÊSÁ**: somos todos ancestrais. Revista Raça Brasil. São Paulo: Escala Ltda. Editora, número 139, 2009.



FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de história e diversidade cultural**: desafios e possibilidades. In: *Cadernos Cedes*. Campinas, 25 (67): 378-388, set-dez 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n67/a09v2567.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2012.

GUALBERTO, Marcio Alexandre M. **Mapa da Intolerância Religiosa – 2011**: violação ao direito de culto no Brasil. Multipike, 2011. 154 p. Disponível em: <<http://www.institutobuzios.org.br/documentos/Mapa%20da%20Intolerancia%20Religiosa.PDF>>. Acesso em: 03 maio 2012.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. 624 páginas.

REVISTA ORIXÁS. **A origem do nome candomblé**. São Paulo: Minuano Editora, Ano II, número 12, 2007. 14 p.